



## O JORNALISTA E O DISCURSO DE ÓDIO: DE ONDE VEM ISSO?

LINCK, Ieda Márcia Donati<sup>1</sup>; ANTUNES, Susana Preto<sup>2</sup>.

**Resumo:** Este resumo foi desenvolvido na Disciplina de Português Básico, do Curso de Jornalismo na Universidade de Cruz Alta – Unicruz, em 2017. Tem como objetivo refletir sobre a discrepância existente entre o que se avançou por questões legais, em relação ao que se pratica cotidianamente, no que tange sobre o discurso do ódio na área jornalística. Para tanto, busca-se analisar as manifestações de alguns jornalistas da televisão aberta, visando entender como a mensagem chega nos telespectadores e repensar como se constitui o discurso de ódio, ainda presente em manifestações, inclusive de profissionais renomados. De onde vem isso? Para Oralndi (2007), o sujeito é constituído ideologicamente e as palavras simples do nosso cotidiano já chegam até nós carregadas de sentidos que não sabemos como se constituíram e que, no entanto, significam em nós e para nós”. Como exemplo, há o episódio em que Rachel Sheherazade, âncora do Jornal do SBT, em 2014, referindo-se a um menor de idade negro, que foi agredido e preso a um poste por cidadãos, declarou durante o telejornal que “[...] a atitude dos vingadores é até compreensível, [...] e aos defensores dos direitos humanos que se apiedaram do marginalzinho preso ao poste, eu lanço uma campanha, faça um favor ao Brasil, adote um bandido! ”. Entre outras coisas, Sheherazade estimula a violência e a justiça com as próprias mãos, que aconteceu sem a comprovação de qualquer delito. Ser constituído de uma cultura e em determinados momentos precisar retratar situações que divergem dela é comum e, por isso, é um dos grandes desafios que o jornalista enfrenta. De acordo com a Teoria Etnográfica, despir-se de suas certezas e conceitos já formados e “transformar o exótico em familiar e o familiar em exótico” (DA MATTA, 1978) é indispensável ao profissional que deseja tornar seu relato o mais próximo à realidade. Mesmo assim, o jornalista presta um serviço público, ainda que por meio de mídias privadas. E, por isso, deve informar de maneira imparcial, permitindo que o telespectador forme a sua própria opinião. Além disso, desempenhando o papel fundamental de diminuir as desigualdades em uma sociedade, a partir do conceito de que informação é poder, o jornalismo é o meio que a disponibiliza ao público. Dessa forma, deve sempre buscar ser o mais fiel possível aos fatos, oferecendo um produto neutro de opiniões. Ao contrário do encontrado em falas como a de Sheherazade, o profissional tem o dever de transmitir as notícias de maneira clara e honesta, sem carregá-la de opiniões. Mariano Ure, em “A função pública do jornalismo: da imparcialidade à coesão social”, mostra que a palavra “violência” não serve apenas para descrever a crueldade, mas para retratar indivíduos que se apossam da razão declarando os demais como errados. Partindo da ideia de que a exclusão é um tipo de violência, a desinformação pode ser encaixada nesse grupo, uma vez que exclui os desinformados e inclui os informados. Isso posto, vale ressaltar que ainda há muito para amadurecer no jornalismo brasileiro, principalmente nas questões básicas da profissão: o ato de informar. E mais, não podemos esperar o fim das manifestações por questões legais apenas, mas por questões de consciência, que deve ser aguçada de forma enfática na formação acadêmica. Somente dessa forma as tantas Sheherazades, ainda vigentes no meio jornalístico, perderão espaço. A discussão está posta.

**Palavras – Chaves:** Jornalismo. Discurso de ódio. Ideologia.

<sup>1</sup> Docente da Unicruz Doutora em Linguística UFSM/UA-Portugal, Mestre em Educação/Uninorte. Mestre em Linguística pela UPF. Coordenadora Proenem. Membro do GPJUR e GEL. E-mail: [imdinck@gmail.com](mailto:imdinck@gmail.com)

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Jornalismo, na Universidade de Cruz Alta (Unicruz). E-mail: [susanaantunesp@gmail.com](mailto:susanaantunesp@gmail.com)